

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

COISAS QUE DISSE UM PARDAL

Por António Gonçalves
Desenhos de A. CASTANÉ

FOI numa eira, pela tardinha. Encontraram-se um rato e um pardal, ambos em busca dos grãosinhos de trigo, que lá tivessem deixado ficar.

Ficaram surpreendidos, olhando um para o outro e o pardal, sem saber o que haveria ali, que pudesse interessar o ratinho, dirigiu-lhe a palavra:

— «Que demónio, mestre ratinho esperto, não é aqui que deve perder o seu tempo! Numa eira há tão pouco que comer, que quasi não vale a caminhada!

No celeiro sim, mestre ratinho; há por lá tanto grãosinho, que, sem esforço, deixaria a barriguinha atestadinha!»

O ratinho, que era pouco conversador, olhou o pardalinho, piscou os olhos, por causa do brilho

do sol e voltou às suas preocupações de encontrar um grãosito.

O pardalinho continuou a conversar. Ia saltitando atrás do ratinho e ia dizendo:

— «No celeiro... no celeiro é que é guardado o trigo de um ano inteiro! Vá lá, mestre ratinho... É só fazer um buraquinho e o trigo cai a granel!»

Mas o rato nem sequer olhava para êle! Continuava com os bigodes rentes ao chão, a cheirar tudo o que lhe parecesse grãosinhos...

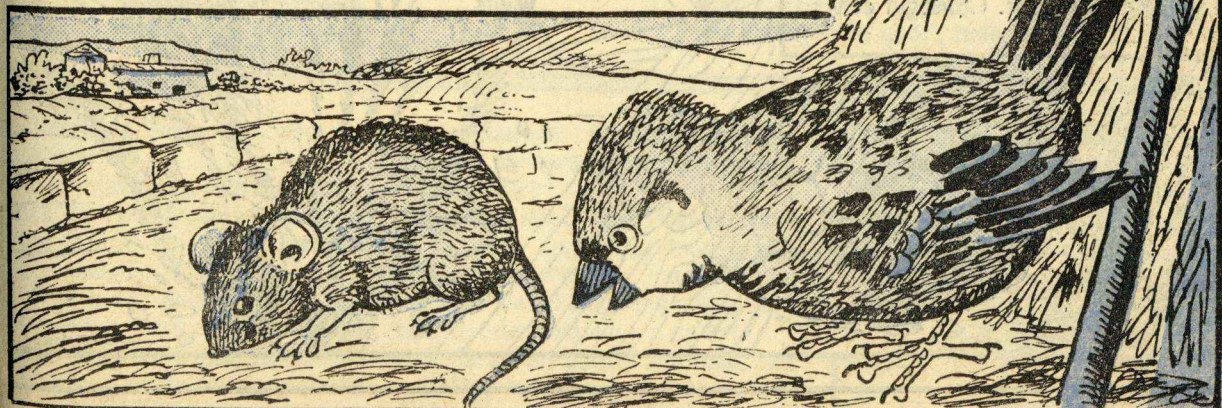
O teimoso pardal é que parou diante dele e, reparando que não lhe ligava importância, pensou:

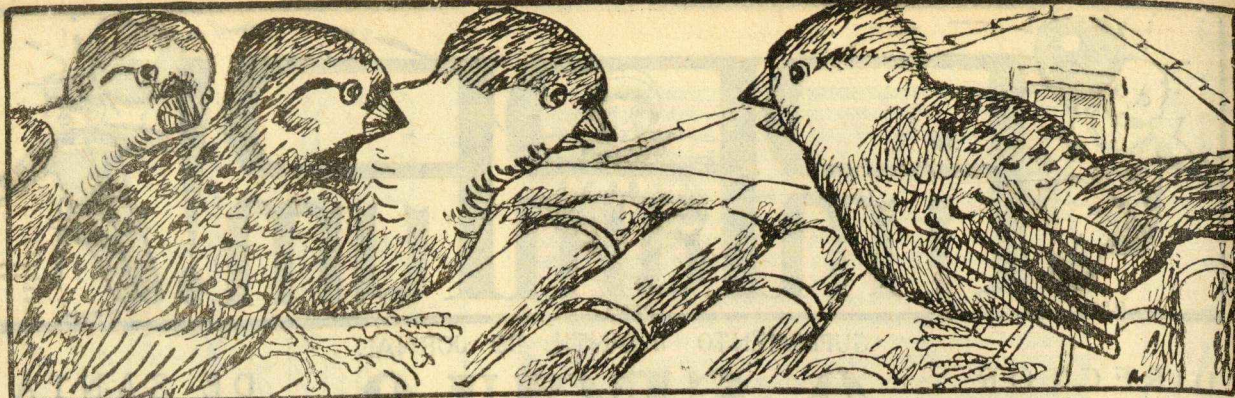
— «Naturalmente não entende o que lhe digo... ou é surdo, o pobrezinho. Vamos lá tentar mais uma vez.»

Aproximou-se do ratinho, deu-lhe uma bicadinha numa orelha e falou lá para dentro:

— «Oiça, mestre ratinho: atente no que lhe digo: Vamos ambos ao celeiro e teremos muito trigo. Vou indicar-lhe o caminho...»

Então o ratinho, com uma das





patas sacudiu a orelha, passou as mãos pelos bigodes e disse-lhe:

— «Não é preciso gritar... Não sou mouco, felizmente.»

— «Então, porque não respondia?»

— «Porque, o que tu queres, amigo pardalinho, é que te deixe a eira livre... O que tu sabes já quási que me esqueceu...»

O pardal começou a rir, fazendo uma chilreada muito grande e depois disse:

— «Ora vamos combinar um planozinho para assaltar o celeiro...

Eu sei, mestre, onde ele está situado e vou dizer-lho. Eu não posso lá entrar, porque tudo está fechado a sete chaves, mas o mestre ratinho, que tem dente afiadinho, não terá dificuldade. E, depois, é fino, esperto e consegue tudo quanto quere!»

O rato envaideceu-se com o elogio mas ainda replicou:

— «E depois sou apanhado, como qualquer rato inexperiente, não!?»

— «Nada disso, mestre! Eu ficarei de vigia, enquanto trabalhar...»

E o ratinho convenceu-se. Combinaram encontrarem-se à noite, depois de tudo dormir e ali, na eira, fariam do seu plano.

O rato tomou o caminho da sua toca e o pardal foi empoleirar-se no ramo duma árvore, de onde chamou os outros seus colegas, a quem contou a sua conversa:

— «Meus amigos. Consegui con-

vencer o estúpido do ratinho a ir abrir-nos o celeiro...

Ele fará tudo e, quando o trigo começar a cair, faremos tanto barulho que acordaremos o D. Miau... e o resto vocês hão-de vêr!»

O D. Miau era o senhor do celeiro e suas dependências e um inimigo infatigável dos ratos...

Ora os nossos heróis, mestre ratinho e senhor pardalinho, encontraram-se à noite e lá combinaram tomar de assalto o celeiro.

Mestre rato passou a trabalhar ao serão e era ouvir todas as noites: reco, reco, reco, reco — os dentinhos a cortarem a madeira. O buraquinho estava quási pronto...

Mas ficava para a noite seguinte.

Ora o D. Miau, uma tarde, ia dar um passeiozinho, quando, ao passar junto do celeiro, viu a porta naquele bonito estado...

Sentou-se, começou a dar ao rabinho, como quem diz: «É boa! Quem teria feito isto?»

Mas tanto pensou, tanto filosofou,

que, de repente, bateu na cabeça e exclamou:

— «Achei! Isto deve ser obra de rato, que aqui vem à noite. Pois logo ajustaremos contas...»

E saiu dali a germinar o seu plano.

Chegou a noite e da eira partiram o ratinho e o pardalinho.

Chegaram à porta do celeiro e mestre ratinho meteu dentes à sua obra e, em pouco tempo, estava, finalmente, aberto o buraquinho.

O ratinho, disse muito baixinho para o seu companheiro:

— «Já está; agora vou aos sacos do celeiro!»

E entrou, resolutamente, no que foi seguido pelo pardal.

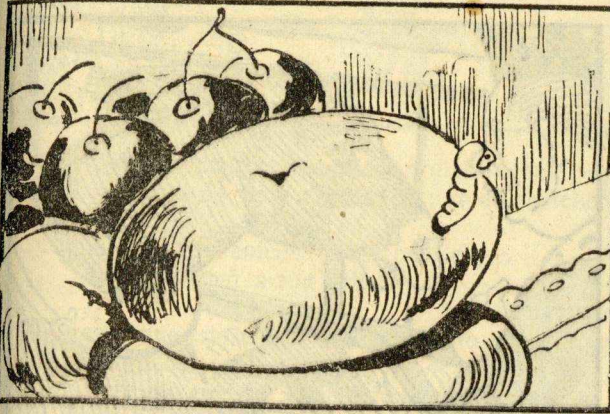
Quando ambos se encontravam lá dentro, o ratinho atacou logo um saquinho e, dentro em pouco, era ver o trigo cair com uma fartura, que encantava os dois assaltantes.

O pardal viu concluída a obra e disse para o rato:

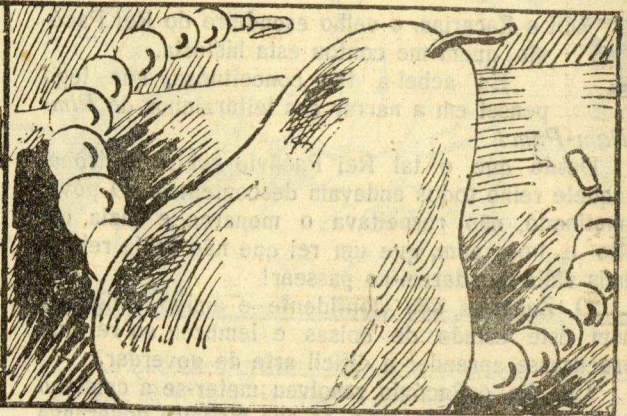
— «Vou chamar os meus amigos,



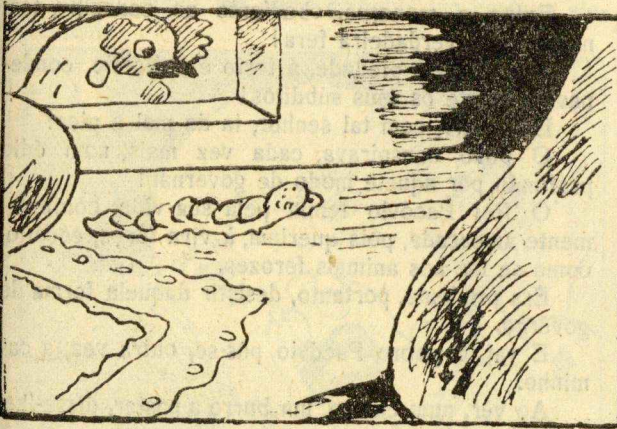
QUEM TUDO QUERE, TUDO PERDE...



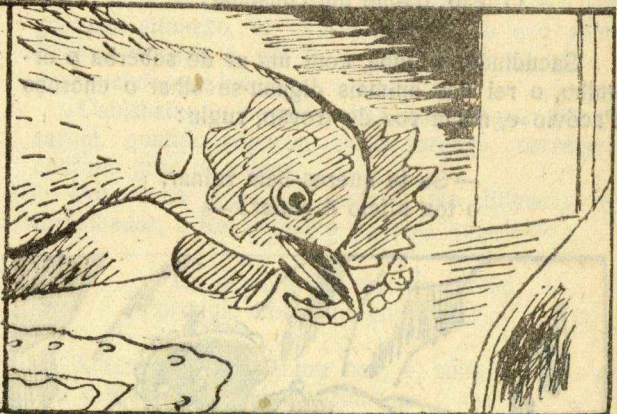
Numa maçã camoêsa,
certa minhoca vivia
com modéstia e singeleza
mas, também, com alegria,
até que, num belo dia,
ambicionou a grandeza.



Pois, ao ver numa pereira,
pera-pérola catita,
murmura desta maneira:
— «Quem me dera ter a Dita
de viver em tão bonita
residência prazenteira!»



Então, deixando a morada
onde fôra tão ditosa,
descendo pela ramada,
dirigiu-se, cobiçosa
da residência invejada,
para a pera luxuosa.



Entretanto, uma galinha
que andava a bicar no verde,
vendo a minhoca, que vinha
arrastando-se no chão,
papou-a! E eis a lição:
— Quem tudo quer, tudo perde!

que, também, como nós, não têm
que comer.»

E foi outra vez pelo buraco...

Mas, cá fora, D. Miau estava de
atalaia e era uma vez a liberdade
dum pardalinho. Deitou-lhe a den-
tuça e já o não deixou fugir.

O pardal piava, piava para que
o largasse, mas o gato lá o levou.

O ratinho ouviu todo aquele bar-
ulho e, prudentemente, veio escu-

tar ao buraco. Quando percebeu
que se afastara o perigo, safou-se
a murmurar:

— «Que susto! Tanto trabalho inú-
til! É bem certo que tudo o que
aos outros pertence, cuidados nos
merece! Nada! Eu tenho vivido sem
isto, hei-de continuar a viver!»

E lá se foi para a sua toca, sã
e salvo, mas não ganhando para o
susto...

Como todos, êste conto
Desde princípio ao final,
Demonstra a moral que tem:
É que é muito, muito tonto,
Quem só pensa fazer mal
E quiere para si o bem...

F I M

A ARTE DE BEM GOVERNAR

Por ANÃO SABICHÃO

FOI o Zacarias, o velho escudeiro do Rei Pacóvio, quem me contou esta história. Eu achei-a tão conceituosa, que logo pensei em a narrar aos leitorzinhos do *Pim-Pam-Pum!*

Desde que o tal Rei Pacóvio subira ao trôno, naquele reino todos andavam descontentes. O povo, amotinado, não respeitava o monarca, e dizia, em alto e bom som, que um rei que não sabia reinar, mais valia mandarem-no passear!

O Zacarias, seu confidente e amigo, afligia-se com êste estado de coisas e lembrou ao rei que procurasse aprender a difícil arte de governar.

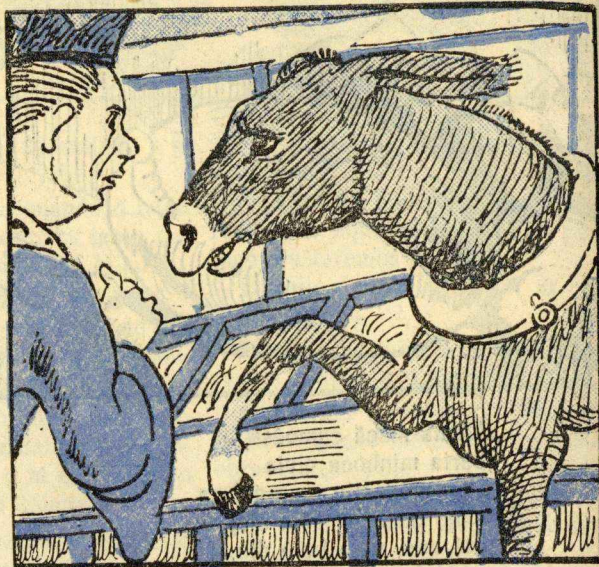
Um dia, o Pacóvio resolveu meter-se a caminho e ir perguntar ao leão de que maneira governava êle os bichos, que tanto o temiam.

Embrenhou-se pela selva dentro e, assim que lhe ouviu o terrível rugido, Sua Majestade Pacóvio, cheio de humildade, implorou:

— Eu sou um rei sem trambelho.
O leão, dá-me um conselho! —

Sacudindo a juba, com um ar de soberba e orgulho, o rei dos animais dignou-se olhar o choroso Pacóvio e, numa voz de trovão, rugiu:

— Se tu queres bem reinar,
o teu officio é matar! —



Então, o monarca, obediente ao conselho, tornou-se uma verdadeira fera!

Sem dó nem piedade, a torto e a direito, condenava à morte os seus súbditos!

E o reino, com tal senhor, ia de mal a pior!

O povo conspirava, cada vez mais, num ódio profundo por aquele modo de governar!

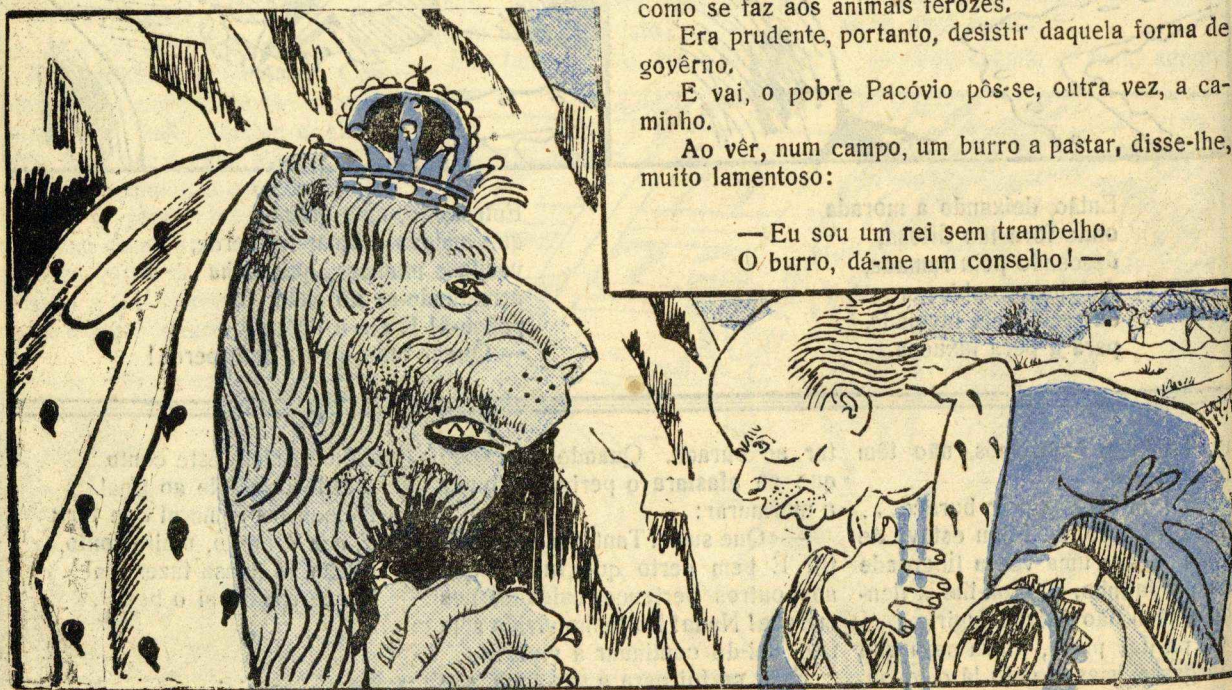
O Rei Pacóvio temia pela sua vida, continuamente ameaçada, pois queriam, à viva força, caçá-lo, como se faz aos animais ferozes.

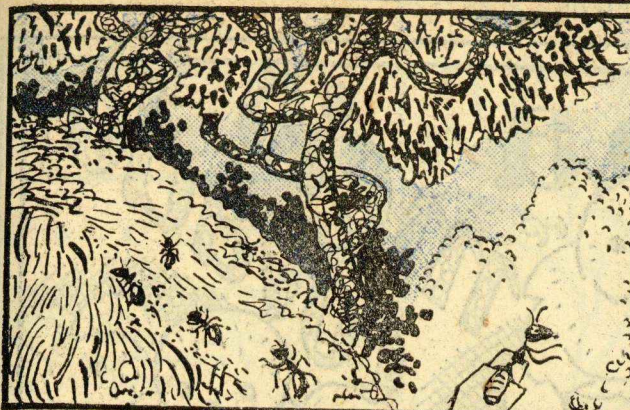
Era prudente, portanto, desistir daquela forma de govêrno.

E vai, o pobre Pacóvio pôs-se, outra vez, a caminho.

Ao vêr, num campo, um burro a pastar, disse-lhe, muito lamentoso:

— Eu sou um rei sem trambelho.
O burro, dá-me um conselho! —





O burro ergueu as compridas orelhas, olhou pensativo o pateta do rei e zurrou, com ar de sabichão:

— Aos coices, talvez consiga, governar a sua vida! —

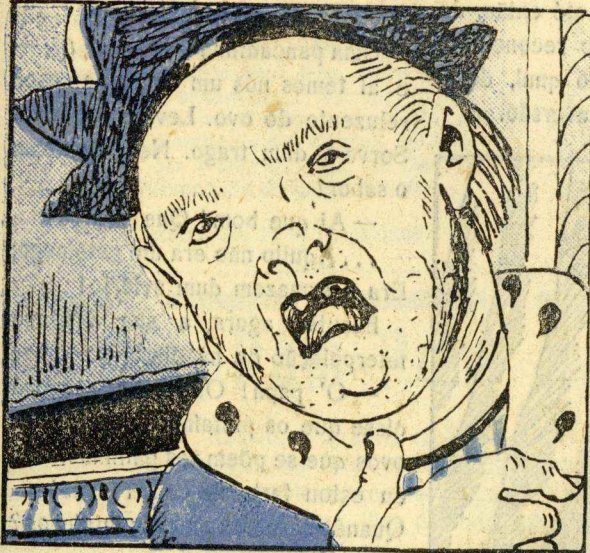
Assim que isto ouviu, o Rei Pacóvio nunca mais fez senão escoicear!

E o reino, com tal senhor, ia de mal a pior!

Farto de aturar tanta bruteza, o povo, indignado, atou o rei a uma manjedoura, obrigando Sua Majestade a comer palha, em lugar dos esplêndidos acepipes que costumavam servir-se à mesa do palácio.

O escudeiro Zacarias, condoído de tal sorte, livrou-o daquele vexame e o desconsolado Rei, mais uma vez, se meteu a caminho.

Ouviu, então, um certo grilinho que cantava alegremente.



Com o seu lamento costumado, o Rei Pacóvio gemeu:

— Eu sou um rei sem trambelho.
O grilo, dá-me um conselho! —

Tremendo as asitas, divertido com tal lamúria, o grilinho respondeu, num pronto:

— Eu, assim mesmo, a cantar,
havia de governar!

Noite e dia, a tôda a hora, nunca mais o Rei Pacóvio deixou de cantar!

Às questões graves, às questões fúteis, Sua Majestade só respondia, com a sua eterna cantiga!

E o reino com tal senhor, ia de mal a pior!

Sem saber como se havia de livrar de semelhante insensato, o povo pegou nele e meteu-o, numa gaiola.

Já que o pateta tanto queria assemelhar-se ao grilo, puseram-no a alface!

Foi, ainda, o escudeiro Zacarias quem lhe valeu!

Com pena de vêr o seu rei naquela triste e vergonhosa situação, lá conseguiu soltá-lo e o pobre Pacóvio tornou a pôr-se a caminho, mais triste e desanimado que nunca.

Cabisbaixo, olhava o chão que os seus pés pisavam, quando reparou numa formiga, carregada com um grão de trigo.

Ao vêr o pequenino insecto, tão diligente, tão trabalhador, o Rei fez-lhe o pedido, lamuriante:

— Eu sou um Rei sem trambelho.
Formiga, dá-me um conselho!

A formiguinha atentou nele e, solícita, cheia de boa vontade, respondeu carinhosa:

— Pois vou-te já ensinar
como é o bem governar!

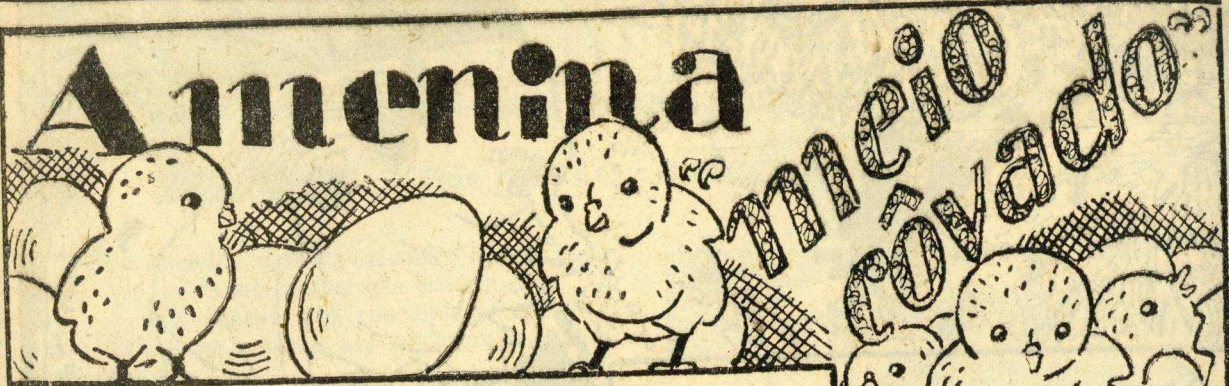
Levou-o, então, ao formigueiro, onde o Rei Pacóvio observou, maravilhado, a actividade, a organização, e disciplina daquela sociedade de insectos.

— Ali tinha que aprender,
p'ra sér um Rei a valer,

pensava, consigo, o ignorante Pacóvio, pasmado ante aquele enorme mundo de formiguinhas que se governava com tanta inteligência e saber!

Entusiasmado, com tal exemplo, o Rei estudou como as formigas se dedicam e trabalham para o bem comum, o método como o fazem e a perseverança e disciplina de todos os seus actos.

Quando voltou ao reino, vinha outro!



■ Por MARIO AZENHA ■

— Sua Ex.^a a menina «meio-côvado»...

O leitor conhece-a?

Não, certamente que não. Nem é preciso...

Imagine uma garota azougada e turbulenta — «busca-pé» endiabrado em noite restolhenta de S. João — para quem a vida, à sua imagem tamanhinha, do tamanho dos anjos pequeninos, não é mais que uma imensa, estrepitosa gargalhada. Gargalhada cujos écos, todos nós, seus amiguinhos, recolhemos, com alvoroço, transportados ao que fômos, pequeninos como ela, mimados, como

ela, irrequietos como ela. E como ela, também, ditosos...

Pois Menina «meio-côvado» (o leitor conhece, não é verdade?) mal saída das cascas e dos cueiros, desatou, de súbito, a comer ovos, muitos ovos. (Então, menina, uma mesura e um sorriso: não vê que estamos falando de si?)

Pois desatou a comer ovos, como os canários alpista. Agradável espanto dos pais, que, até então, de balde haviam tentado reconciliá-la com êsse prato, pelo qual, desde sempre, manifestara aversão.

E agora, eis que, espontaneamente, se volve para êles!

Eram ovos ao almoço, ao jantar, durante a manhã e à tarde. Sabiam-lhe a mel, sabiam-lhe a «sopa doirada» tanto do seu agrado, sabiam-lhe a tudo quanto havia de melhor, ingeridos em cru, perfurada a casquinha, como quem bebe um lambedor.

— Ai que bom! Que bom!

Uma pancadinha leve — *tá, tá,* — e aí temos nós um óculo na casca reluzente do ovo. Leva-o à boca... Sorve-o dum trago. Nem lhe toma o sabor!

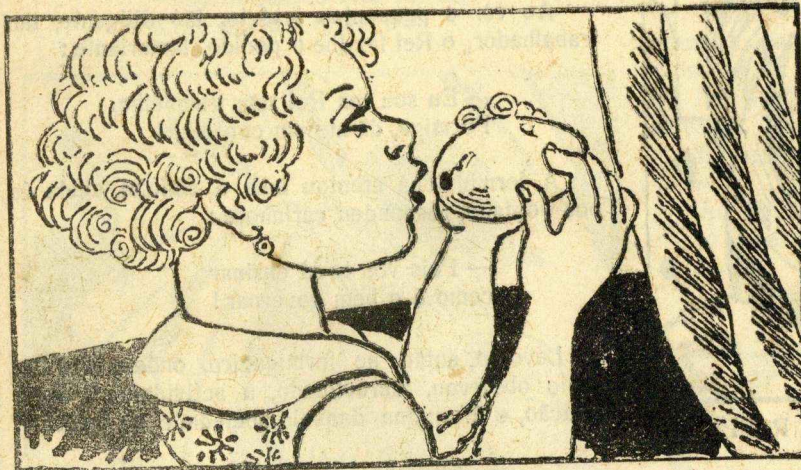
— Ai que bom! Que bom!

... Aquilo não era um estômago; Era o armazem dum aviário!

Escutai, agora, a sua ingénua interpelação de há dias:

— O' papá! Outro dia a mamã disse que os pintainhos nascem dos ovos que se põem nas galinhas. Ora eu estou farta de comer ovos!... Quando nascem os meus pintainhos?

■ F I M ■



Ninguém reconhecia naquele Rei resoluto, disciplinado, activo e cheio de sabedoria, o antigo Pacóvio que tão mal reinava. E o reino, com tal senhor, cada vez ia melhor!

Daf por diante, tudo prosperou à sua volta e êle foi querido e viveu glorioso pela forma, como soube governar o seu povo.

Quando lhe preguntavam como se tornara assim, um bom Rei, prodigioso exemplo de todos os reis

do mundo, cheio de engenho e de inteligência, êle respondia:

— C'os bichos mais pequeninos, é que aprendi a reinar. No reino das formiguinhas, tal ciência fui achar!

■ F I M ■

Concursos

Charadísticos

N.º 6 — 1.º CONCURSO

Nota: — Tôda a correspondência referente a esta secção, deve ser endereçada a *Américo Tabora (Rei do Sébo)* — «Pim-Pam-Pum!» — Rua do Século, 43 — Lisboa.

Decifrações do n.º 1

1) CONFORMIDADE, 2) MALTEZ, 3) Galego-gago, 4) Lagosta-lata, 5) Botelha-bolha, 6) *Estremadura*, 7) *Anulada por ter saído incompleta*, 8) *Sobreface*, 9) *Alter do Chão*, 10) *Barquinha*, 11) *Távora*.

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — JOHN BIFFE — 9 votos

N.º 2 — A. SERAVAT — 6 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 9, de «Lucas, 3 — N.º 8, 2 — N.º 6, 1 — N.º 10, 1»

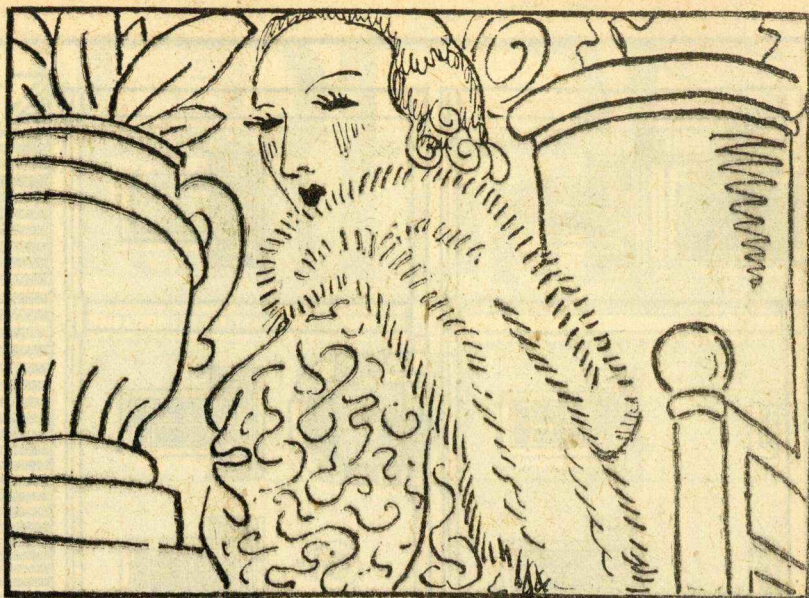
Decifradores

QUADRO DE HONRA

Abílio, Anjocarfer, António C. Abreu, Arievalo, Barba Azul, Béu, Dália de Jesus, Edi, Fernandes, I. Atirbac, Leonel, F. Pias, Lilicas, Lucas, Noémia, Rei da Graxa, Romualdo dos Santos, Sir Fantasma, Sir Mistério, Zeca, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zé Quitolas, Zeuzinho.

(Decifraram 10 — Totalidade)

PARA OS MENINOS COLORIREM



QUADRO DE MÉRITO

Dois Manos, John Biffe, 9 — Chalet d'Ossos, Kin-Fo, Otavarg, Solrac Sier, 8 — D. Ruja, Maria do Ar. 7 — Alfredo Matos, António Freire, 5.

OUTROS DECIFRADORES

Maria Dulce Cabral, 4.

Não enviaram votações os seguintes decifradores: — Alfredo Matos, António Freire, Arievalo, Chalef d'Ossos, Dália de Jesus, Dois Manos, D. Ruja, Otavarg, Sir Fantasma, Solrac Sier e Zé Quitolas.

AVISO

Tendo em nosso poder charadas que oferecem maiores dificuldades para serem decifradas e, por consequência, serem boas só para charadistas práticos ou mestres, não as publicamos senão quando iniciarmos a publicação da «Coluna dos Fortes». Não se admirem, pois, alguns concorrentes de ainda não terem visto publicadas algumas produções suas.

O «Pim-Pam-Pum» nas «Festas da Cidade»

É amanhã, no Rossio, a grande festa do «Pim-Pam-Pum!». Os pequeninos leitores, alfacinhas ou forasteiros, do nosso suplemento, terão, amanhã, sexta-feira, um dia festivo que lhes é inteiramente consagrado. Um grupo de escritoras, colaboradoras do «Pim-Pam-Pum!», estacionará na sucursal de «O Século», onde se encontrará, à venda, o novo livro da Baroneza X: *História de dois Traquinas*, distribuindo vasinhos com mangleiros e sinas infantis a todos os nossos pequeninos leitores e autografando os exemplares vendidos de todas as obras editadas pelo «Pim-Pam-Pum-Editorial-Século».

Mas não consta só disto o grande festival do «Pim-Pam-Pum!»: Um grande rancho infantil atravessará, cantando, tôda a praça do Rossio, onde, também, uma barraca ambulante de cómicos, exhibirá o célebre Anão Sabichão, artistas teatrais, palhaços e

fantoches que representarão ao ar livre e distribuirão lembranças a todos os amiguinhos do «Pim-Pam-Pum!».

Mas... há mais atractivos: A hora oportunamente anunciada, far-se-á uma largada de pombos e uma distribuição de balões que encherão de júbilo o vivo olhar dos nossos leitorzinhos.

Num sensacional cortejo, automóveis pequenos conduzirão conhecidos artistas populares que aclamarão o nosso suplemento e os seus pequeninos leitores.

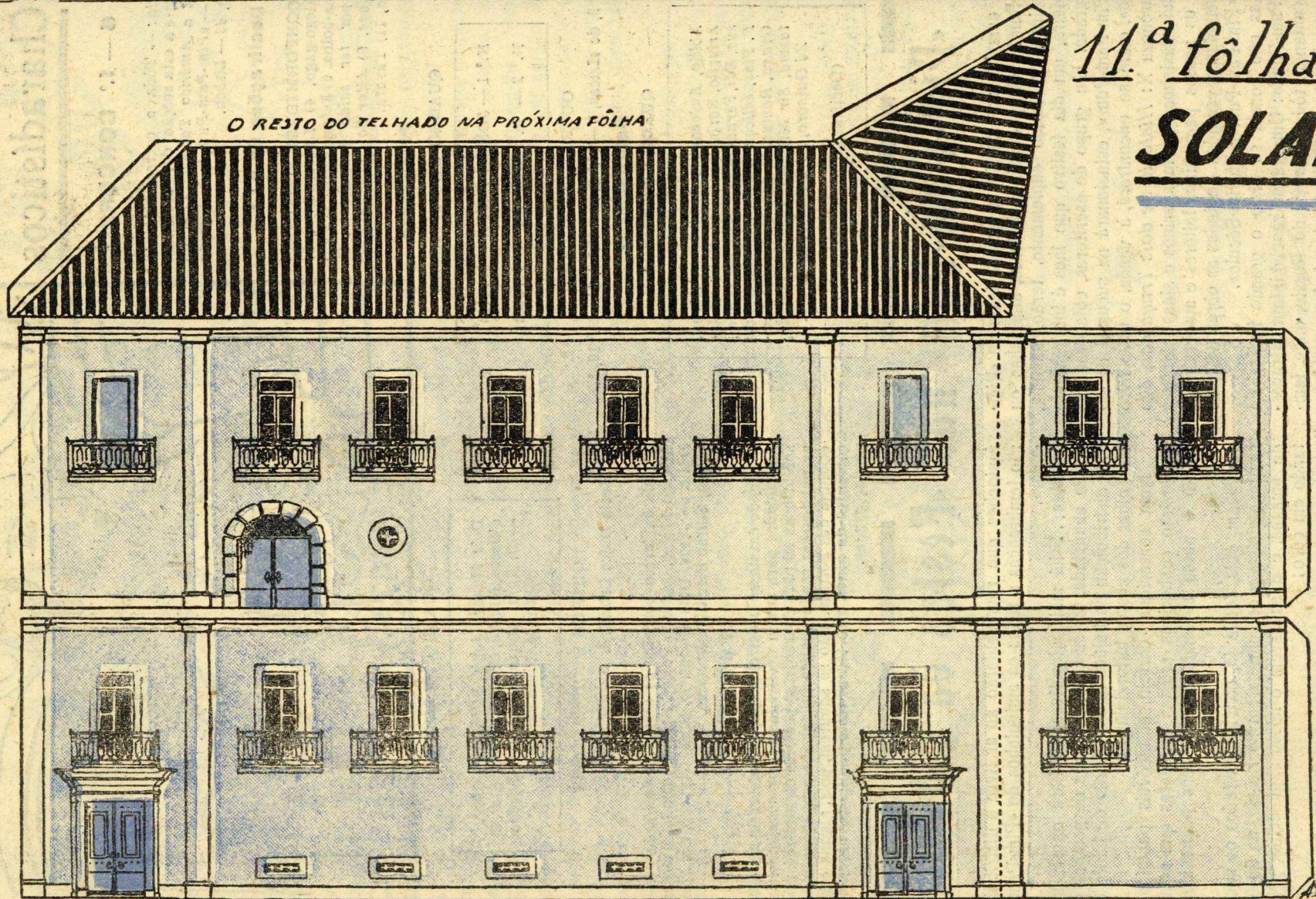
Ficam, pois, desde já, convidados todos os nossos amiguinhos a comparecerem no Rossio, na tarde de amanhã, e a saudarem o nosso suplemento, gritando em côro:

— Viva o «PIM-PAM-PUM!»!...

11.^a fôlha

SOLAR

O RESTO DO TELHADO NA PRÓXIMA FÔLHA



PPR
imlamum.